

ANNO XIV  
NUMERO 314

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

José Rego

32, Praça dos Restauradores

LISBOA

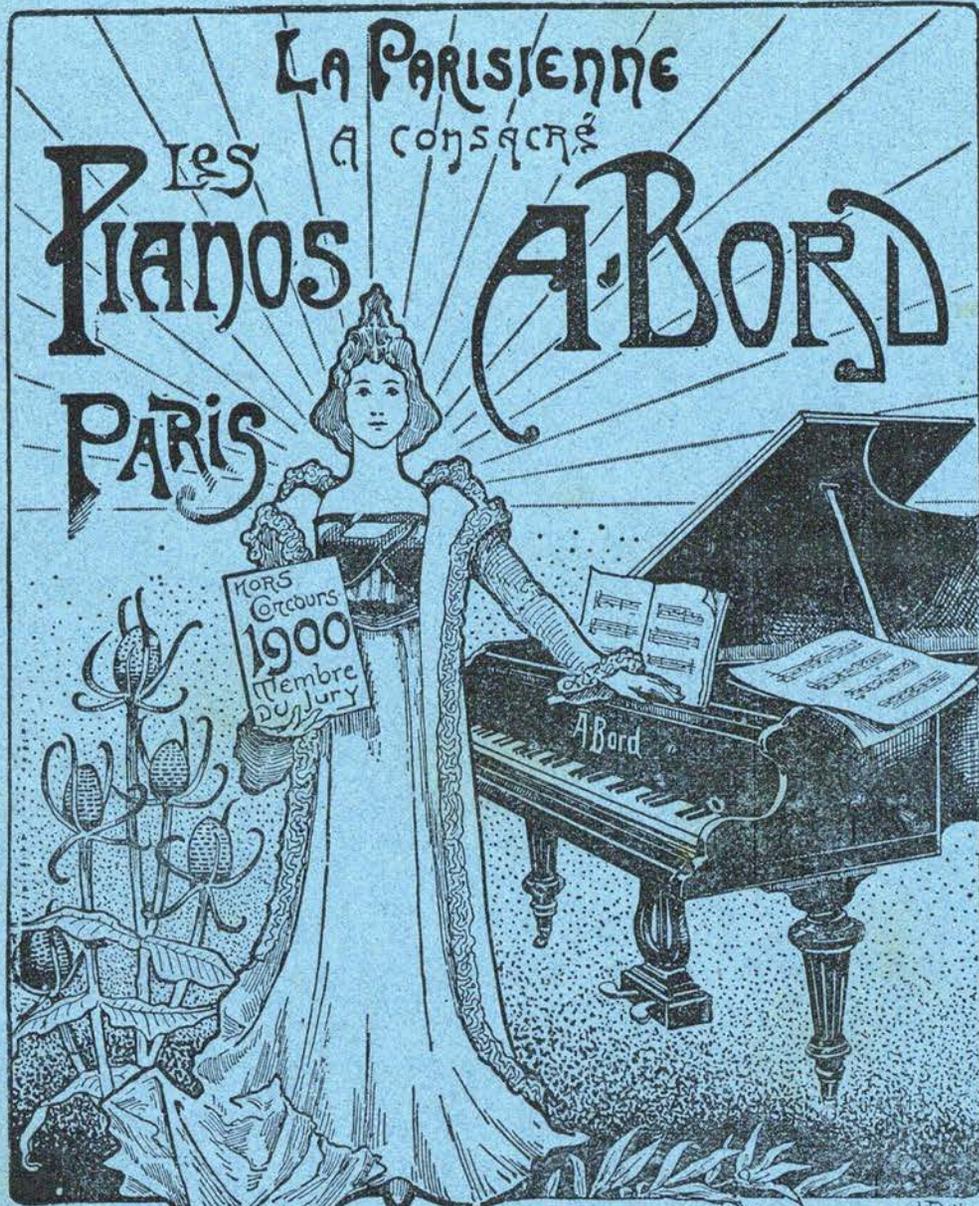
A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

*Praça dos Restauradores, 43 a 49*

LISBOA



14<sup>bis</sup> BOULEVARD POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000
Produção até hoje.....	122:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury - Hors concours

\* **A. HARTRODT** \*

Agencia de Transportes Internacionaes

Despachos e Seguros Maritimos

**CASAS PRINCIPAES :** **HAMBURGO e LONDRES**

Succursaes : ANVERS (Antuerpia), BREMEN, LIVERPOOL, GENOVA, GOTHENBURGO, LEIPZIG e LUBECK

Recommenda aos importadores portuguezes os seus serviços d'expedições em grupagem, para Lisboa, Porto, Madeira, Ilhas e Colonias portuguezas, de qualquer dos portos acima.—Todas as informações relativas a serviços de transportes, despachos e seguros, seja para importação ou para exportação de mercadorias, são promptamente fornecidas a quem as sollicitar ao seu agente em Portugal :

**MARTINS E GALA, Limitada**

Rua do Crucifixo, 8, 2.º — LISBOA

**C**ura da Asthma

E BRONCHITES CHRONICAS

COM O

— LICOR LOPES —

108 PH. CENTRAL 110  
R. de S. Paulo. Lisboa

GARRAFA 1\$500 RÉIS

PELO CORREIO, 1\$700 RÉIS

LIVRARIA CAMÕES

DE

JOÃO GONÇALVES

Rua Augusta, 185 - Lisboa

Antiga CASA VEROL JUNIOR

Compra e vende livros de estudo novos e usados para as Escolas primarias, Liceus e Normaes. Romances e peças theatraes. Livros classicos, Gravuras, etc. Encarrega-se de encadernações por preços limitados.

Pianos das principaes fabricas : **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto**, etc. x x

**MUSICA** dos principaes editores — **Edições economicas** — Aluguel de musica. x

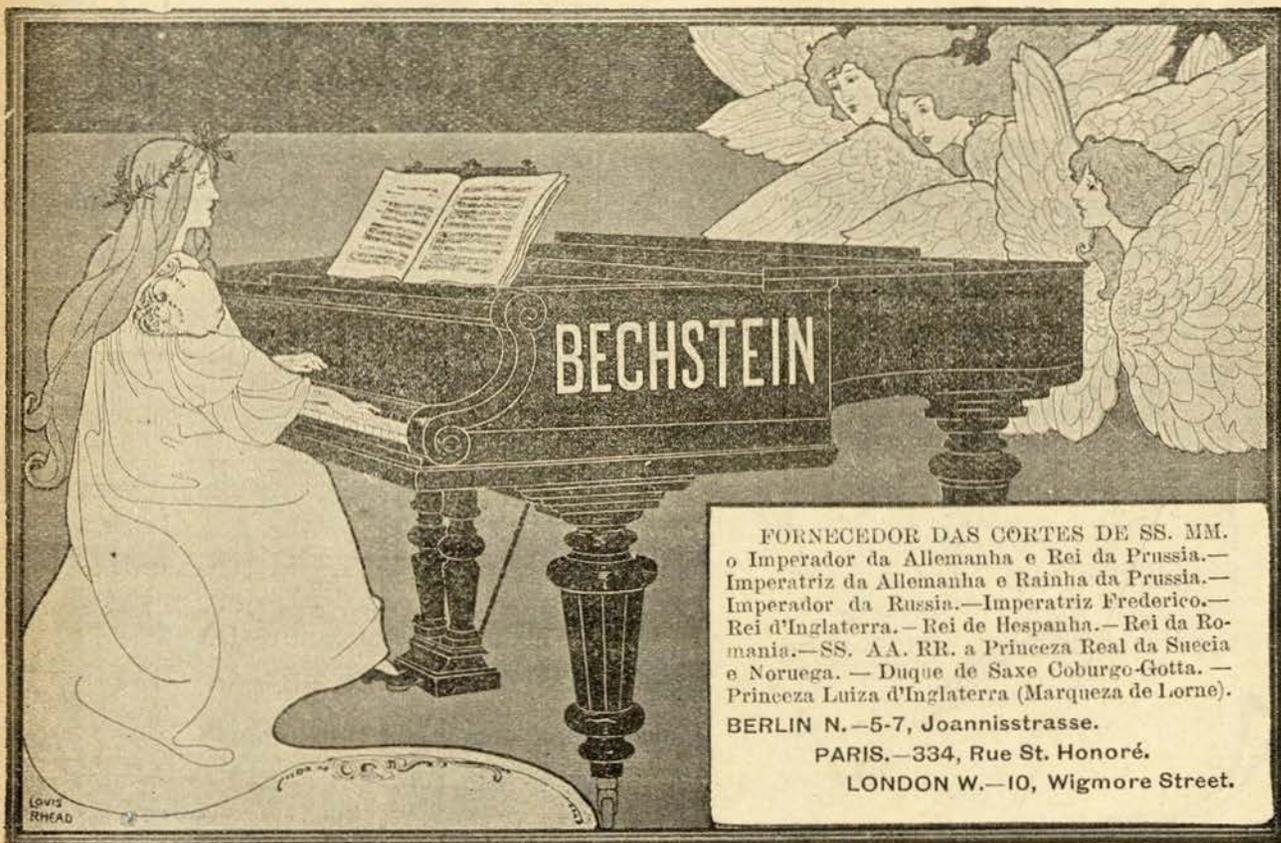
Instrumentos diversos, taes como : **Bandolins, violinos, flautas, ocarinas**, etc.

PEÇAM-SE OS CATALOGOS



Praça dos Restauradores

A ARTE MUSICAL  
Publicação quinzenal de musica e theatros  
LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.  
o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—  
Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—  
Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—  
Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Ro-  
mania.—SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia  
e Noruega. — Duque de Saxe Coburgo-Gotta. —  
Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).  
BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.  
PARIS.—334, Rue St. Honoré.  
LONDON W.—10, Wigmore Street.

LOUIS  
RHEAD

Representante e UNICO DEPOSITARIO dos  
CELEBRES PIANOS **BECHSTEIN**  
Casa Lambertini \* Praça dos Restauradores

Empresa Mobiladora \* MIGUEL FERREIRA

Fornecer a prompto, a prestações e por aluguer tudo quanto é preciso  
para guarnecer uma modesta habitação ou o mais luxuoso palacio.

Preços e Prestações resumidas

Lisboa \* 256, 258, RUA DA PALMA, 260 e 260-A



Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — Um Conservatorio no Porto. — Uma sessão de Musica Russa. — Notas vagas.  
— As faculdades de trabalho de Massenet, seu pretendido valor. — Theatro de S. Carlos. — Concertos.  
— Noticiario. — Necrologia.

## Um Conservatorio no Porto

Graças á bella e arrojada iniciativa da Camara Municipal do Porto, secundada pelo notavel artista Raymundo de Macedo, já se pensa muito a serio na creação de uma escola official de musica na capital do norte. Em 30 do mez passado, reuniu o nosso querido amigo e illustre pianista no seu Salão Bechstein um avultado nucleo de artistas musicos, jornalistas, auctores dramaticos e amadores d'arte, expondo-lhes em termos eloquentes a necessidade de dotar o Porto com um Conservatorio de Musica e Declamação e declarando que, para a execução d'esse projecto, se podia contar desde já com o importante appoio do Municipio portuense. Alem dos varios considerandos que Raymundo de Macedo formulou e que foram vivamente applaudidos pela assembléa, expoz tambem, nas suas linhas geraes, as bases de um projecto da lei organica que, em seu entender, deverá reger o futuro estabelecimento escolar. Moreira de Sá, a quem havia sido confiada a presidencia da assembleia, affirmou que o trabalho do seu distincto collega representava um bom serviço prestado á arte e propoz que elle viesse a Lisboa afim de se entender com os deputados portuenses e com o governo de modo a que o Conservatorio do Porto se torne em breve em uma realidade e possa ser organizado, como se pretende, sob a direcção da Camara Municipal e com o sufficiente subsidio governamental para fazer face ás suas despesas.

Está pois n'esta altura o interessante projecto e a vinda de Raymundo de Macedo a Lis-

boa, verificada ha dias, não póde deixar de ter surtido o preciso effeito, tão justa é a aspiração dos artistas portuenses, e tão importantes são os elementos com que o Porto póde contar para a realisação de tão interessante projecto.

Não se trata sómente de uma innovação de interesse local; trata-se de um melhoramento que, aproveitando esses optimos elementos, valorisa uma riqueza inerte, tornando uteis á comunidade os esforços de uma pleiade notabilissima de artistas, como são os do Porto. Estaremos portanto sempre ao lado d'esta brilhante iniciativa e por ella pugnaremos com todas as nossas forças.

Por hoje, não podendo dar uma desmedida extensão ao artigo, limitamo-nos a copiar o breve relatorio com que Raymundo de Macedo encabeçou o seu projecto e que define, melhor do que nós o poderíamos fazer, a necessidade da creação do Conservatorio portuense; mais tarde, esperamos poder dar maior desenvolvimento ao assumpto e dedicar-lhe-hemos successivos artigos.

«O Porto, o eterno abandonado dos poderes publicos, carece de tudo o que sobra nas cidades estrangeiras mesmo n'aquellas de importancia inferior á nossa.

«Longamente e em vão se reclamaram melhoramentos de necessidade urgente. Em vão se apontaram obras inadiaveis que integradas na economia da cidade resultariam fontes perenes de riqueza e bem-estar publicos. Está dito e redito que o Porto tem sido contribuinte excellente e nada mais.

«De maneira que toda a energia das forças vivas da industria e do commercio portuenses ha muitos annos que se traduz na organisação

de pequenas e grandes comissões que vão a Lisboa e regressam d'ahi com muito esforço gasto e muitas illusões perdidas. E' tempo de terminar para honra da Republica com este systematico e inveterado habito, absolutamente lamentavel, de vêr na segunda capital portugueza que se esfalfa a trabalhar e a pedir, o eterno pretendente da Arcada a quem os poderes publicos se acostumaram a vêr nas antecamaras ministeriaes, hirto na sua paciencia de ferro.

«Urge passar das promessas aos factos e pelo menos egualar no bem publico as duas primeiras cidades do paiz. Aquelles que comprehendendo esta situação dolorosa tenham a sufficiente coragem de defender affincadamente os interesses do Porto, bem serão benemeritos que a cidade inteira saberá erguer, ninguem o duvide, nos escudos da sua admiração perpetuando-lhes a memoria saudosa e veneravel.

«No immenso terreno das faltas que tanto e tão destacadamente se notam n'esta terra, salientando o seu desconforto lamentavel, ha no campo das bellas-artes uma que é urgente remediar pela enorme falta que faz: E' um Conservatorio de Musica e Declamação.

«Outros, com auctoridade reclamaram melhoramentos materiaes, nós que vêmos outros terrenos perfeitamente esquecidos, reclamamos essa especie de pão do espirito que faz dos homens personalidades e é documento valioso para o nivelamento moral dos portuguezes em face dos mais adiantados paizes.

«Se o Estado não pôde por motivos conhecidos dár-nos de chofre a felicidade urbana, a civilisação do rail, e lançar em alicerces solidos o progresso d'esta immensa herdade chamada Portugal, se elle não termina o nosso porto marítimo e de braço dado com a nossa edilidade não rasga avenidas, não arrasa bairros immundos onde a vida se apaga, não resta duvida que a aspiração dos portuguezes d'hoje, amigos, verdadeiramente amigos do sólo onde nasceram, filhos d'esta Patria que amanhã será de nossos filhos, não ha duvida, repetimos, que a imaginação d'esses portuguezes galopa emancipada da escuridão, e d'ella sahindo entre choques d'algemas partidas e alaridos de triumpho, enquanto o desalento expira a distancia como um sonho absurdo que se desvanece na gloria do sólo. Não ha duvida que se sente um desejo irreprimivel d'uma vida nova, mas d'uma vida nova feita de factos, de muitos factos cimentados de energia, intelligencia e fraternidade.

«Lancemos pois no campo educacional d'esta Republica, a semente preciosa que mais tarde germinará em feixes de luz. Pedra a pedra ergamos esta nacionalidade, que é um thesouro abandonado encerrado n'um velho cofre antigo

onde todos teem preguiça de tocar. Sim! Construamos precisamente o alicerce, e cada um que se esforce por aportar algo de proveitoso a esta ideia apreciavel. Por nossa parte nós damos o que podemos ao tracejar aqui sem uma reserva, nem uma ambição, leal e patrioticamente o que podemos humanamente e praticamente aconselhar. O projecto que vae lêr-se é o resultado d'um estudo profundamente pratico e constatado. Este visa, como já dissemos, á creação no Porto d'um Conservatorio de Musica e Declamação. E' injusta a sua falta porquanto Lisboa tem um instituto desta ordem inteiramente subsidiado pelo Governo, quer dizer: por nós, por todo o paiz, por todos os portuguezes enfim, quando afinal é Lisboa, unicamente, que auferes os beneficios d'elle irradiados, em flagrante e injustificavel desigualdade que fere o Porto, berço dos nossos mais brilhantes artistas.

«E' notorio que ha aqui musicos e artistas de grande valôr como: (alphabeticamente) — Alberto Pimenta Junior, Alexandrina Castagnoli de Brito, Armanda Dubini, Augusto Sugia, Benjamim Gouveia, Bernardo Valentim Moreira de Sá, Carlos Dubini, Carlos Quilez, Efisio Anneda, Ernesto Maia, Francisco Roncagli, Joaquim de Freitas Gonçalves, José Cassagne, José Gouveia, Lucien Lambert, Luiz Costa, Oscar da Silva, Thereza Amaral, Sola Conde; d'esta pleiade brilhante pôde sahir pois o corpo docente d'uma escola official de musica. O Porto carece d'este grande melhoramento pois é na realidade violento e pouco pratico obrigar os estudantes do norte a uma forçada, dispendiosa e longa estadia em Lisboa, cursando as aulas do Conservatorio d'ali, coisa afinal só ao alcance d'aquelles que teem recursos financeiros. O Conservatorio do Porto beneficiaria a zona norte do paiz, que pela sua proximidade permittiria que muitos alumnos acudissem á matricula.

«Emquanto que ha n'esta cidade uma Academia de Bellas-Artes, onde se ensina a Pintura, a Architectura e Esculptura, d'onde sahiram os nossos melhores artistas, o Porto não tem um Conservatorio, nem ao menos uma simples aula de musica, o que muito grave é, porque as classes menos abastadas são as que formam o grande numero dos que se dedicam a este genero d'estudos.

«A Hespanha tem n'este ponto uma extraordinaria e incontestavel superioridade sobre nós, porque não só possui Conservatorios em Madrid, Barcelona, Saragoça, Valencia, etc., como tem ainda innumeradas escolas de musica espalhadas pelo paiz que contribuem notavelmente para o aproveitamento de muitas vocações que sem esse facil estímulo enveredariam para outros ramos de actividade, cujo exercicio ás vezes forçado provoca o desalento e a

contrariedade, porque nada ha mais desagradavel do que o exercicio d'uma profissao contraria á nossa vontade e imposta pela força das circumstancias.

«Em qualquer terra hespanhola se organisam veladas ou concertos onde francas vocações se apreciam. Em qualquer terra surgem artistas.

«Em Mérida, por exemplo, nos dizia um amigo, terra que é na sublime e precisa critica de Eça de Queiroz, «o buraco mais lugubre do mundo» ouvi um quadro bem apreciavel de amadores que se entretinham cantando a *Cavalleria Rusticana*. Vozes sãs, vozes cheias, bem orientadas, animadoras. Orchestra d'amadores, por amator regida, onde elementos interessantes se apreciavam. Tente-se formar aqui, um grupo assim... E' impossivel! As proprias emprezas theatraes de ha longos annos carecem de sopranos, de tenores, de barytonos, de baixos, de massas coraes. E se alguns elementos se destacam, com rarissimas excepções, esses elementos são hespanhoes. Não ha em Portugal um grupo de coristas d'opera. No entanto é da Galliza que sae o maior numero de coristas para as companhias d'opera lyrica. Quantas, repetimos, quantas vocações se terão irremediavelmente perdido pela incuria dos passados governos, e pelo desleixo enorme que a educação dos portuguezes sempre mereceu da parte dos governantes. E' já um logar commum dizer isto, e é tambem uma vergonha que o Porto, a segunda capital da Republica, não tenha uma unica escola de musica onde se pratique a declamação e a dição tão intimamente a ella ligadas. Seja-nos permittido apresentar a seguir o modesto estudo a que procedemos e que nos quer parecer que pelo confronto será poderoso estimulo muito para meditar».

Seguem-se uns *Considerandos*, a que daremos publicidade, logo que as exigencias de espaço nol-o permittam, um ante-projecto da Lei organica, que deve reger o conservatorio portuense, e uma tabella synthetica dos varios estabelecimentos similares do estrangeiro, onde se póde confrontar a sua população escolar, corpo docente, subsidios, tarifas d'admissão, etc.



## Uma sessão de musica russa

Ainda sob o *charme* de uma deliciosa audição que a notabilissima artista, sr.<sup>a</sup> D. Sarah Motta Vieira Marques, consagrou na noite de 10 aos modernos compositores russos, apenas

lastimamos que o tardio da data nos não consinta o largo e pormenorizado artigo que essa festa merecia.

Artista lhe chamamos e na realidade quem consegue reunir e ordenar tão criteriosamente os notaveis elementos que se enfeixaram em homenagem tão luzida, e sobretudo quem póde acrescentar a um programma, já soberbo, o esmalte de um concurso pessoal, como o que a illustre cantora prestou na primorosa execução de obras de Moussorgski e Michaieloff, adquire para sempre os mais legitimos foros de grande artista.

Tambem executaram diversos solos vocaes e instrumentaes as sr.<sup>as</sup> D. Bertha Chambica, D. Adelaide Lima Cruz, D. Virginia Baptista, D. Laura Sauvinet Bandeira, D. Ernestina Freixo e os srs. João Passos, João e Sebastião D'Vecchi Neves, Castro Freire, etc., recebendo todos os mais entusiasticos e merecidos applausos.

Abriu e fechou a audição com o Hymno Russo, cantado por um grupo de gentis senhoras, que tambem nos deliciaram com um lindo côro de Tchesnokow, *Ombreuses Allées*, cuja repetição foi vivamente sollicitada.

Antes da execução do programma musical, discursou proficientemente o professor Ernesto Vieira sobre a musica russa, e em especial sobre as obras que se iam ouvir. Transcrevendo aqui litteralmente a excellente oração do erudito professor, facultamos uma compensação, ainda que pallida, aos que não tiveram a fortuna de assistir a tão brilhante festa.

Ex.<sup>mas</sup> senhoras ;

Ex.<sup>mos</sup> senhores :

Fez, não ha muitos dias, tres anos, que neste pequeno paraíso da arte musical se inciaram as memoraveis audições historicas de que todos nós conservamos viva memoria.

Depois d'isso passou sobre nossas cabeças uma nuvem temerosa que, obscurecendo o sol puro da arte, perturbando espiritos, confrangendo corações, lançando o desalento entre as mais fortes vontades, veio pôr um entrave passageiro ao movimento progressivo tão auspiciosamente iniciado, tão generosamente impulsionado e tão instantaneamente necessario á nossa atrasada e acanhada vida artistica.

Felizmente a nuvem vai passando. As primeiras claridades da luz que nos alumia o entendimento, nos equilibra os sentidos e nos aquece a vontade, começam a despontar, prometendo, quiçá, maior brilho do que antes essa luz irradiava.

A divindade que preside a este ceu em que nos encontramos, já mandou abrir portas. En-

tregou-me as chaves, fazendo de mim uma especie de novo S. Pedro.

E não se póde negar ter mais uma vez acertado na escolha: se um certo pormenor fisico me dá alguma apparencia do santo companheiro de Jesus, a sugestão voluntaria tambem não destoa; da minha profissão tenho feito evangelho que desejaria poder propagar com fervor e exito semelhante ao do primeiro apóstolo.

Estão por conseguinte abertas as portas d'este paraíso, ex.<sup>mas</sup> Senhoras e ex.<sup>mos</sup> Senhores. Não faltam nele anjos, arcanjos e querubins, para cantarem harmoniosos hosanas.

Encontramo-nos num verdadeiro ceu aberto. O S. Pedro guarda-portão vai passar a explicar-vos, muito de relance, a proveniencia dos inos que hoje serão entoados.

\*  
\*\*

A segunda renascença italiana foi especialmente proficua á arte musical; as academias de Florença querendo, nos fins do seculo XVI, ressuscitar a tragedia grega deram origem ao genero de representações que recebeu univversalmente o nome de *opera*.

A opera tornou-se moda em todas as cortes da Europa, e legiões de artistas italianos foram atraídos a essas côrtes para exhibirem o novo espectáculo inventado na Italia.

Adquiriu então a musica italiana um predominio que se tornou universal. Esse predominio, começando por se exercer sobre as classes mais elevadas e mais cultas da sociedade, passou depois ás intermedias e desceu até ás multidões das cidades populosas.

As arias italianas, que constituíam o principal recheio das operas, tornaram-se cantilenas vulgarisadas em todos os paizes, e os compositores indigenas bebiam nelas a essencia das suas inspirações. Mesmo quando o caracter nacional e individual marcava obras notaveis, nem por isso a aria italiana deixava de se encontrar no fundo de todas elas. O *Dom João* de Mozart é exemplo bem conhecido. Sucedia isto na Allemanha como na França, como na Russia, como em toda a parte emfim.

Durante dois seculos a Italia foi mestra e senhora soberana da musica teatral; mas os discipulos, uma vez educados, começaram a ter iniciativa propria. Desde o principio do seculo XIX que as tendencias para nacionalisar a arte de cada país e sacudir o predominio italiano começaram a manifestar-se, com maior ou menor intensidade segundo a força que as impulsionava; assim se creou a sinfonia e mais tarde o drama musical na Allemanha, assim nasceu a opera comica em França e a zarzuela em Espanha, assim se iniciou em quasi toda a parte a evolução nacionalista.

Na Russia deu-se então um fenomeno nota-

vel, que teve imensa influencia no progresso artistico d'esse país; os musicos procurando no *folk-lore* nacional elementos para as suas produções, encontraram mina riquissima, de um caracter profundamente marcado, em que a rudeza slava é contrabalançada pela devanadora languidez asiatica, produzindo o que hoje chamam o *odôr russo*. No chamado *odôr russo* entra tambem com larga parte o canto religioso, o qual tem conservado com grande amor as venerandas reliquias de um passado remotissimo e tradicional, cujas origens prendem com a extincta civilisação grega.

\*  
\*\*

O movimento nacionalista na Russia foi iniciado por Miguel Glinka em 1836, com a sua opera *A vida pelo Csar*, a primeira opera cantada em liagua russa. Mas note-se: Glinka era italiano por educação e mesmo por inclinação; viveu longo tempo em Italia; entre as suas primeiras composições figuram barcarolas venezianas, recordações de Napoles, variações e fantasias sobre motivos de operas em voga, etc.

*A vida pelo Csar* não sae dos moldes italianos; mas como no seu conjunto começava a sentir-se o *odôr russo*, o patriotismo consagrou-a como uma radiante aurora da arte nacional.

Pouco depois, em 1842, Glinka apresentou a sua segunda opera: *Rousslan e Ludmila*; nela pôz definitivamente de parte os modelos de Italia, esforçando-se em rebuscar uma originalidade bem marcada, proveniente sobretudo das melodias nacionaes.

Ficou desde então fundada a escola russa, que tão grande desenvolvimento adquiriu.

Para esse desenvolvimento não contribuiu só o gosto natural do povo, nem tampouco o esforço patriótico dos artistas; auxiliou-o mais poderosamente o Estado, que fundou conservatorios largamente dotados e creou teatros especialmente destinados á opera nacional.

O primeiro d'esses conservatorios foi o de S. Petersburgo, organizado por Antonio Rubinstein em 1862, o qual possui actualmente um corpo docente de oitenta e nove professores. Segui-se-lhe quasi imediatamente o de Moscow, em 1864, á testa do qual foi posto Nicolau Rubinstein, e que hoje funciona num edificio monumental construido expressamente para esse fim. Possui um corpo docente de sessenta professores.

Pelo mesmo tempo que se organisavam estes e outros estabelecimentos identicos, sustentados pelo Estado, um grupo de musicos — o celebre *grupo dos cinco* — constituia-se em cenaculo para discutir questões de arte. Este grupo compunha-se de Mily Balakirew e Cesar Cui, discipulos directos de Glinka; juntaram-se-lhes

depois, como prosélitos convictos, Nicolau Rimsky-Korsakow, Alexandre Borodine e Modesto Moussorgsky.

Foi seu intento proseguir no caminho encetado por Glinka, creando novas fórmulas, estabelecendo novos principios esteticos, refazendo a tecnica da composição; entenderam dar assim maior realce á escola novamente creada e fazela distinguir-se de todas as outras.

Na realisação d'este ideal, o grupo dos cinco avançou intrepidamente, avançou mesmo talvez de mais e ás cegas, deixando muito por trás os mestres consagrados e a multidão que ainda hoje os acompanha.

Mas á mesa no cenaculo não se sentaram outros musicos russos seus contemporaneos, justamente aqueles que têm o mais distinto logar na historia da arte; por exemplo: os dois irmãos, Antonio e Nicolau Rubinstein, Pedro Tchaikowsky, Henrique Wieniawsky, além de muitos outros.

São estes nomes os mais universalmente conhecidos, cuja fama chegou, primeiro que a dos antecedentes, até ao extremo occidente em que nos achamos. E são também os que no seu país constituem as mais veneradas e populares glorias nacionaes, com as honras de mestres classicos.

Os cinco, e actualmente os seus continuadores, isolaram-se, formando uma facção de *ultra-avancados*, correspondendo aos revolucionarios da *jeune école* franceza.

Rimsky-Korsakow, Cesar Cui e seus novos adeptos, representantes do primitivo cenaculo, emparelham com Debussy, Ravel e camaradas da França.

Ha porém uma diferença notavel entre as duas facções irmãs: os da escola franceza concluíram os seus estudos classicos a rigor, adquiriram o grau de musicos perfeitos, e só depois de abandonarem as aulas é que se lançaram nos braços da revolução, renegando a tecnica que aprenderam para seguir outra que só eles comprehendem; a facção russa, ao contrario, foi iniciada por amadores que pouca ou nenhuma tecnica sabiam quando começaram, e que abriram caminho através das hesitações e incoerencias necessariamente produzidas pela falta de preparatorios.

O primeiro fundador da escola, Glinka, pertencia a uma familia aristocrata e possuia boa fortuna que disfrutou viajando, cullivando as letras e as artes, das quais a musica se lhe tornou predilecta; Borodine foi medico, professor de patologia e de historia natural; Cesar Cui é um distintissimo engenheiro militar, cujas obras sobre fortificações se tornaram classicas; Moussorgsky foi official do exercito, Balakirew doutor em matematica e ciencias naturaes, Rimsky-Korsakow official de marinha.

Apenas um musico nato, por vocação e pro-

fissão, se destaca d'estes semi-amadores: é Alexandre Dargomysky. Com ele se deu um facto especial: tendo escripto duas operas que se tornaram populares, *Esmeralda* e *Ondina*, deixou-se seduzir pelo ideal dos cinco, cujas reuniões se realisavam em casa d'ele; obedecendo a esse ideal começou a escrever uma grande peça de teatro, que deixou incompleta e foi concluida por Cesar Cui e Rimsky-Korsakow; succede porém que o publico não lhe apreciou o valor, e recebendo-a friamente continuou a preferir-lhe a *Ondina*, traçada pelos moldes antigos.

No entanto a obra nacionalista iniciada por Miguel Glinka prosegue com vigor e com um exito maravilhoso; a musica russa está despertando em toda a parte o mais vivo interesse, exercendo universal influencia na arte contemporanea.

Entre os compositores actuaes são ainda para notar: Glazounow e Rachmaninow, que não adoptam as ideias revolucionarias, conservando-se fieis ás tradições nacionaes. Como estes Akimenko, Rébikow, Alevandre Olénine e muitos outros novos, são progressivos sem serem revolucionarios. Apenas Alexandre Scriabine é um ultra-moderno, quasi excentrico, que põe todo o seu empenho em rebuscar a mais extraordinaria originalidade.

Citarei ainda Tchesnokow, autor de côros *a capella*, um dos quais ouvireis hoje.

E' interessante comparar esse côro com o ino russo, por serem estas duas composições specimens muito caracteristicos do canto coral, tão amorosamente cultivado na Russia.

O ino do grande imperio slavo foi composto em 1833 pelo general Aleixo Lvow; um general do exercito que ao mesmo tempo era violinista e compositor, e que por esta ultima qualidade o imperador Nicolau o nomeou mestre da sua capella. De tal modo o general Lvow se compenetro das suas funções artisticas, que colleccionou e harmonisou a quatro vozes todos os cantos antigos usados na igreja do rito grego, publicando-os em onze grossos volumes que constituem valiosissimo subsidio para a historia geral da musica.

Pondo em confronto a composição de Lvow, tão grandiosa e imponente na propria singularidade, com o côro *a capella* de Tchesnokow, notaremos facilmente os caracteres que distinguem as duas épocas, 1833 e 1910: na primeira a harmonia consonante e a unidade tonal; na segunda as dissonancias picantes e a tonalidade esbatida pelo cromatismo. No fundo, porém, de ambas não é difficil encontrar a intima expressão local, o sentimento da patria exalando misteriosamente o inconfundivel *odôr russo*.

Permita-se-me agora uma observação toda pessoal sobre a musica de certos compositores

russos *ultra-modernos*: festejada nos centros intellectuaes de Paris, aplaudida por espiritos dos mais avançados da França, estudada e mesmo imitada por compositores francezes, ela não é de facto a mais estimada, ou pelo menos a mais popular, na Russia; ali predomina ainda a respeito pelas primitivas produções nacionaes derivadas dos modelos italianos, e conserva-se a estima pelos proprios modelos originaes. Apar das obras de Glinka, Dargomyzsky, Rubinstein e outros russos *extra-cenaculo*, ouve-se com muito prazer qualquer opera de Bellini, Donizetti ou Verdi. O italianismo ainda não perdeu todos os seus partidarios, na Russia como em muitas outras partes.

E' certo que a arte da Italia foi destituída da supremacia que disfrutou durante mais de dois seculos; é certo que a sua decadencia não póde ser contestada; mas tambem é certo que a boa melodia italiana não perdeu o encanto que subjugou ouvidos simples e calmos.

Quando cessar o poder estetico da pintura rafaesca, é que cessará a influencia impressiva da melodia belliniana.

A **Historia** não póde negar **Verdade e Justiça**.

E perdoem-me: isto não é ser retrogrado; é respeitar o passado, aceitar o presente e sondar o futuro.

Ernesto Vieira.



## Cartas a uma senhora

166.<sup>a</sup>

De Lisboa.

Sob a doce luz risonha d'um ceu clemente e claro, começo esta que ali lhe chegará talvez entre o sibilar do vento e o retinir da chuva, pois creio ser isso o que agora ali tem.

Justos deuses! Era bem preciso que alguma compensação nos fosse dada pelo muito que todos continuamos padecendo nos nossos ideaes insatisfeitos, nas nossas aspirações irrealizadas, nas nossas esperanças desvanecidas. . .

Decididamente a civilisação não vem tão depressa como ingenuamente a visionavam muitos, e ha que aguardar os inevitaveis compassos de espera, que o tempo, indifferente a soffregas e pressurosas vozes, lentamente vae marcando.

Com effeito, nem por adiantarmos 37 minutos ao relógio, para o fim de nos integrarmos na hora internacional, andámos mais ligeiros, e em vão poetas e phantasistas tecem em lindos teares de sonho a luminosa e roçagante clamyde que definitivamente ha de envolver a figura amada do Portugal moderno.

Aqui e ali os pontos falham, o tecido esgarça, e forçoso se torna recommear o desenho.

Entretanto, querida amiga, porque alguma coisa mudou já, e o forte estremecimento épico que ainda por assim dizer outro dia nos percorreu o corpo, não foi de todo inutil, antes deixou ao longo do organismo nacional uma repercussão viva, cá vamos buscando polarisar n'uma direcção progressiva e fecunda as energias postas a vibrar desde esse momento unico.

Assim, nenhum de quantos ainda agora portuguezes se chamam deixasse de concorrer com o vigor do seu braço e os alentos da sua vontade para arcarmos com segurança contra os obstaculos que de todos os lados nos assediam, e facil seria n'um relativamente curto praso preparar á terra que nos foi berço uma nova era de prosperidade e de gloria.

Estava porventura em tão pouco esse bom movimento das nossas almas e seria tão curto a percorrer o caminho que vae do coração ao espirito, desde que aquelle se resolvesse a penetrar n'este pela larga porta da tolerancia e da bondade, da dedicação e da concordia!

Emfim, não desanimemos e se conforme não canço de martelar, para chegarmos á *ethica* será boa guia a *esthetica*, é bem possivel que a somma de exposições varias ultimamente realizadas e de concertos cada vez mais fartamente concorridos, que preencheram estes ultimos domingos, e, por felicidade, parece vão proseguir ainda, — consigam o milagre supremo de dar convergencia á familia portuguesa, espalhando em volta d'ella e no ar que se respira um bocadinho d'aquella imponderavel graça, d'aquella ideal doçura, d'aquella affectuosa tregua que tão necessarias foram sempre ás sociedades que desejam caminhar e aneiam por engrandecer-se.

Por mim considero já benemeritos os nomes por mais de um titulo illustres de Antonio Carneiro, o pintor poeta de télas e de desenhos d'uma elevação e d'uma verdade suprasensíveis; de Pedro Blanc que maneja esse instrumento complexo e estranho a que chamamos orchestra, tentou com uma grande probidade e um febril entusiasmo, tornar realidade a benemerita iniciativa de varios, diligenciando mais de uma vez crear, ao menos na capital da nação, um aggregado artistico musical que de todo nos não envergonhasse; de Malhõa no Porto e de Vaz e Carlos Reis em Lisboa chamando para os quadros seus, e este ultimo

ainda para os dos antigos discipulos que hoje o acompanham como camaradas, a attenção acaso fastienta da multidão que passa.

E' essa multidão que convem fazer parar, para o fim de quando mais não seja uns breves instantes, lhe instillar pelos olhos, pelos ouvidos, o sagrado fluido da belleza tocada de ideal, que eis, em summa, no que consiste a arte, emanação divina da eterna perfeição prodigiosamente fixada em humanas fórmulas pelo segredo mysterioso do genio.

Se de tudo isto não sairmos meliores e mais ternamente compassivos, e do mesmo passo intellectualmente mais altos, então é porque somos refractarios á acção salutar e potente d'essa inarticulada mas uníversal linguagem que a Poesia fala e todos os entendimentos devem perceber, e quasi nada nos restará fazer, senão prepararmo-nos para um desaparecimento opprobrioso e baixo.

Ouso porém contar com as reservas honestamente incontaminadas do Povo a cuja familia pertenco, e quando todos de tudo hajam desesperado, eu contemplarei ainda, enlevado e confiante, as novas teorias de rapazes e raparigas que esta terra das aguas cantantes e do sol alvinitente, vem fazendo aflorar dia a dia n'uma ascensão gloriosa para a felicidade, para o amor, para a alegria, e que decididamente não querem, não podem morrer, sem primeiro haverem cantado o seu versiculo de luz, e posto na paizagem da existencia um pouco d'aquelle fulvo encanto que a mocidade traz sempre comsigo e mercê do qual, mesmo sofrendo, mesmo lutando, lhe é consolador viver, porque a toda a hora julga realisar a doce chimera de amar e de ser amada . .

Affonso Vargas.

P. S. Para prolongar a deliciosa ondulação d'arte que mais ou menos tem atravessado a vida social portugueza n'estes ultimos mezes, quero ainda muito de corrida, visto que na proxima carta voltarei ao assumpto, registar a interessante exposição de rendas que a illustre senhora que é D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, agora mesmo inaugurou, para regalo dos nossos olhos e educação dos nossos sentidos, e onde, em novos poemas de renda, nos conta na graça aerea da linha, toda uma serie de subtis e preciosas maravilhas de phantasia e de gosto. Deus lhe pague o bem que praticou enquanto nós abençoamos reconhecidos a obra santa que as suas mãos crearam.

A. V.



## As faculdades de trabalho de Massenet; seu pretendido valor.

Todos que se interessam por assuntos musicaes falam muito das grandes faculdades de trabalho de Massenet. Ele proprio, elogiando-se, afirma sentar-se á banca ás 4 horas da manhã para só ao meio dia se levantar depois dum duro trabalho em que nos prepara as suas composições como um simples cosinheiro prepararia os seus pratos. Ora, um simples cosinheiro invariavelmente póde fazer bons pratos, sempre nos mesmos momentos — para isso não é necessaria uma especial disposição — mas um compositor, creio-o bem, de modo algum póde fazer boas composições senão quando está convenientemente disposto e a pedagogia ainda se encontra muito atrazada para nós poderemos procurar a nosso bel-prazer as complexas e variaveis circunstancias de nós hoje em grande parte desconhecidas, nas quaes possamos grangear uma boa disposição para obras d'arte. Mesmo em estudos scientificos e sobretudo filosoficos não possuimos a possibilidade de empregar sempre o nosso espirito que nem sempre se acha a isso apto, não podendo nós estabelecer matematicamente com dias de antecedencia, as occasiões em que devemos trabalhar e isto que é vagamente fatal em assuntos friamente intellectualistas, mais fatal se torna na elaboração de obras emotivas como devem ser as obras musicaes. A intelligencia ainda póde ser mais ou menos dirigida, mas o sentimento, o emotivismo é quasi absolutamente espontaneo e está nisso a sua sublimidade! O dinamismo intimo, essencial da Existencia é infinito, e aqueles fenomenos que aparentemente mais se aproximarem da sua espontaneidade absoluta, tocando assim, mais de perto a rialidade transcendental da resistencia são os mais sublimes, os mais divinos em sua infinita independencia! . . . Quando um dia, uma pedagogia transcendental permittir a direcção profunda dos nossos sentimentos, essa não será feita por elementos exteriores que artificialmente procurem contorcer o Espirito, mas será feita pelo proprio Espirito. . . Na rialidade não haverá direcção, esta sempre exprime um esforço, um artificio, mas haverá na sua existencia exclusiva a libertação absoluta do Emotivismo Puro! . . . A vida de materia por completo ha-de desaparecer para só existir em toda a sua liberdade, o Espirito, suprema vertigem da Existencia! . . .

Para que nos curvamos pois, tanto, perante todo o trabalho do homem? . . . O trabalho forçado da ciencia e mesmo da filosofia ainda é elogiavel, posto que a filosofia exija tambem,

mais do que a ciencia, uma disposição especial, especial para nós que ainda somos tão inferiores. . . , uma disposição superior em que haja uma certa espontaneidade intelectual, um certo espirito profundamente divagativo, quasi emotivo, pois, — refiro-me á verdadeira filosofia, especulativa, transcendental e não áquella feita á maneira spenceriana ou comtista que não é philosophia, não é nada —, mas se na ciencia e mesmo na philosophia um trabalho aturado, methodico é apreciavel visto serem elas, meios ainda materiaes, indirectos, com os quaes alcançaremos o Espirito, melhor do que com uma arte superficial, meio porém, mais directo, não ha duvida tambem que na elaboração duma obra d'arte, a espontaneidade e o capricho livre devem dominar pois o sentimento, essencia propria da arte, o sentimento que mais do que a ideia se encontra no caminho directo para a vertigem do Espirito, carece bastante da liberdade espiritual! Os grandes esforços na arte são pois, absolutamente despresiveis. Para fazermos uma obra, exteriorisação, concretisação, materialisação do nosso eu, é sempre indispensavel empregarmos meios materiaes, os átos, e isto é igualmente verdadeiro para obras propriamente utilitarias e para obras artisticas que uma outra utilidade bem mais sublime possuem, uma utilidade espiritual. . . , mas esses meios materiaes, na musica quasi inexistentes, bastam para deturpar já um pouco a arte que está sempre longe, como exteriorisação do nosso espirito que ainda é, de encarnar em si todo o vertiginoso convulsionismo da Alma Universal, na monade humana vigorosamente consubstanciada! Não são necessarios mais artificios, mais esforços; aqueles que hoje são absolutamente indispensaveis, são já suficientes. Não profanemos mais o Sentimento Puro, o Sentimento Hiperestetico!

Diz Massenet que por vezes escrevia musica para esquecer as dôres que a vida lhe dava. Sim, suponho que ele sofreu bastantes privações mas não compreendo que sob a ação duma dôr mais ou menos material ele pudesse escrever alguma cousa boa. Que uma intuição artistica natural sem esforço diminuisse os sens sofrimentos, compreendo, mas que ele se metesse á força na arte, nos momentos mais terribes da sua existencia para esquecer as suas dôres, é que não compreendo de modo algum. Existem dôres *imediatamente* inspiradoras como a que levou Tintoret, segundo a concepção de Cogniet, a pintar a filha morta, mas essas são duma natureza, não digo puramente espiritual que o Espirito não admite dôres, nada admite que, o mais vagamente possivel, se possa definir, mas duma natureza mais ou menos proxima do espirito; as dôres provocadas por privações não são porém, imediatamente inspiradoras. Convulsionando profundamente a nossa

alma tornam-na apta, passada a crise maior, a produzir mais do que produziria sem elas mas no momento mais critico das privações materiaes nenhum artista se sente inspirado. E' conveniente o sofrimento, seja ele qual fôr, e reconheço como favores, os sofrimentos profundos que muitos em mim provocaram, mas se as dôres mais espirituas, como aliás eram as minhas, muitas vezes, não sempre, directamente inspiram, as outras que as privações dão, só indirectamente, de inspiração enchem a nossa alma! Nas privações materiaes temos de cuidar da materia que muito se opõe á arte, á arte verdadeira cuja essencia é o Espirito! . . .

So numa disposição especial podemos fazer arte, quando gosamos os momentos hoje ainda tão raros. . . , da espiritualisação da nossa personalidade. Um individuo, um escritor conheço eu muito bem, que elaborou em pouco mais dum mez um drama cheio duma complexidade pavarosa, pavarosa para o nosso teatro atual. Sabeis qual o resultado disso? Facil é de prevêr. O drama que trechos bastante inspirados possui, igualmente possui tambem outros a que só um ator de genio podia dar o rialce indispensavel. E o escritor referido não mais escreverá precipitadamente.

Escusado é dizer que o drama não foi nem nem será, pelo menos tão cêdo, posto em cena.

(Continúa).

Raul Leal.



## Bohème

Depois da *Aida* cantou-se a *Bohème* na noite de 28 de dezembro.

N'esta opera reapareceu a sr.<sup>a</sup> Matini, que em fevereiro de 1906 cantou em S. Carlos as partes de *Eva* dos *Mestres Cantores* e de *Elsa* do *Lohengrin*, sendo esta em substituição do soprano Karola.

A sr.<sup>a</sup> Matini continua a ser a mesma cantora de qualidades bastante apreciaveis, tendo a sua voz adquirido mais brilho.

A parte de Mimi não se presta porém a evidenciar os dotes artisticos da gentil cantora, que no desempenho das operas que apontamos, apresentou, se bem nos lembra, um trabalho mais brilhante e completo.

O tenor Eghilior que se estreiou na *Bohème*,

tem uma voz apreciavel de tenor de meio caracter.

A parte de *Rodolfo* porém, devido talvez á sua singeleza, tem exigencias que este artista não logrou vencer.

A sr.<sup>a</sup> Lacambra é uma artista com muita *vida* e *salero*, mas sem as condições necessarias para arcar com as responsabilidades que Puccini impoz á parte de *Musette*.

Os srs. Hernandez (*Marcello*), Ferrer (*Schaunard*) e Riera (*Coline*) procuram, com os recursos de que dispõem, desempenhar-se a contento das partes de que foram encarregados.

A orchestra regularmente, sob a direcção do maestro Angelis.

Esta opera repetiu-se dias depois tendo por interpretes: nas partes de *Mimi*, *Rodolfo* e *Marcello*, a sr.<sup>a</sup> Crehuet e os srs. Uetam e Rosato.

A sr.<sup>a</sup> Crehuet, que segundo cremos fez agora o seu debute artistico, mostrou ser uma cantora intelligente e dispondo de uma voz apreciavel, sobre tudo no registo agudo. O conjuncto porém não logrou ser superior ao da primeira recita da *Bohème* e por isso teria sido mais ajuizado deixar a partitura repousando no archivo, donde, mesmo que não saia, pouco temos a perder.

## Manon

No dia 1 do corrente tivemos afinal a divina obra de Massenet que estava para ser cantada pela grande artista Rosina Storchio quando esta abandonou Lisboa pelos motivos que expoz em carta dirigida á imprensa periodica.

Foi a sr.<sup>a</sup> Matini que se encarregou de substituir aquella artista, tarefa assaz difficil e ingrata.

Ainda assim a sr.<sup>a</sup> Matini conseguiu fazer-se aplaudir pela fórma como cantou a *romanza* do segundo acto e o dueto com o tenor no quadro de *S. Sulpice*.

A abundancia de gesto prejudica por vezes o trabalho da sr.<sup>a</sup> Matini, que mais sobria, tiraria certamente outro partido da sua parte.

N'esta opera se estreiou o tenor Del Ry que tem uma voz de timbre perfeitamente tenoril e apresenta uma bella empostação. Pena é que o pequeno volume da voz lhe não permita brilhar em trechos como o da sua *romanza* do terceiro acto, que disse de fórma a merecer justos elogios.

Da parte de *Conde Des Grieux* encarregouse o sr. Candela que, sem sabermos porque, figura no cartaz com o nome de Masiá. E' uma parte esta muito importante na opera de Massenet e com a qual, crêmos bem, o sr. Candela não se sente muito á vontade. Diremos porém, em abono da verdade, que o sr. Candela é um artista que desempenha com o

maior criterio todas as partes que lhe são cometidas, logo que não excedam as suas forças.

O quadro do *Cours La Reine* foi cortado a exemplo do que em geral se pratica quando a opera é cantada em italiano. Houve porém o bom gosto de fazer executar os interessantes bailados d'este quadro no principio do quarto acto, com o que o publico teve tudo a lucrar.

O *minuete* que a orchestra executou antes de abrir o pano para este acto, melhor effeito teria produzido, se o maestro Giametti, obedecendo ao character do trecho, o tivesse conduzido um pouco mais lento.

A opera está bem posta em scena e a orchestra, fóra alguns senões, andou regularmente.

\*  
\*\*

Depois d'esta opera fez-se a reprise da M.<sup>me</sup> Butterfly tendo por protagonista a sr.<sup>a</sup> Matini, que tem até agora sido de um poderoso auxilio para a empreza.

A sr.<sup>a</sup> Matini, como já lhe aconteceu com a *Manon*, teve outra vez que lutar com o confronto esmagador das artistas que ultimamente aqui se tem encarregado de desempenhar a obra de Puccini.

N'esta opera, mais do que em nenhuma outra, mostrou a sr.<sup>a</sup> Matini a sua intelligencia e a fórma como procura estudar os diversos personagens.

De todo o trabalho da sr.<sup>a</sup> Matini é o da gentil *geisha* aquelle que mais nos agrada e se não fóra a abundancia de gesto de que já atraz falámos e o esquecimento por vezes em conservar os ademanos japonezes, poderia de certo considerar-se de primeira ordem a interpretação dada pela sr.<sup>a</sup> Matini a tão interessante personagem.

## Mefistofeles

De toda esta opera de Boito é sem duvida o prologo o seu ponto mais culminante e quanto a nós o mais bello, mas d'esta vez teriamos de preferencia desejado que a opera começasse no terceiro acto, admitindo de bom grado a eliminação do prologo e do que se lhe segue até ao quadro da prisão.

Por aqui já os nossos leitores perceberam que não concordámos com a execução que teve a pagina capital da partitura. A falta de afinação dos córos, junto ás hesitações da orchestra, devidas estas em grande parte á pouca clareza da batuta do maestro Giametti, foram os factores contribuintes para uma execução pouco feliz. De resto em toda a opera se ressentiram sempre, córos e orchestra, das imperfeições que em maior abundancia observámos no prologo e primeiro acto.

Na parte de Margarida poudo a sr.<sup>a</sup> Crestani, mais que na *Aida*, evidenciar as suas apreciáveis qualidades. Esta intelligente artista cantou a *Nenia* e todo o acto da prisão de fórma a obter uma justa ovação. De facto a sr.<sup>a</sup> Crestani tem uma bella voz, que ajudada pela sua apreciável escola lhe permite dizer com muita propriedade, articular com clareza e dar a devida expressão ao canto.

Da parte de *Fausto* encarregou-se o sr. Del Ry, que n'esta opera luctou, como na *Manon*, com o pequeno volume da sua voz.

A *romanza* porém do prologo, que não demanda pujança de voz e o *raconto* do epilogo, foram trechos que o sr. Del Ry cantou bem e que teriam provocado aplausos a uma platéa menos fria. No *raconto* dispensariamos a *appuntatura* que o sr. Del Ry alli enxertou e que não nos merece a minima sympathia.

Muito bem nos seus dois papeis a sr.<sup>a</sup> Pangrassi.

O baixo Rosato tem voz volumosa mas pouco extensa e nada educada.

A parte de *Mefistofeles* requer qualidades que o sr. Rosato não possui.

## Carmen

Foi esta a opera que se seguiu ao *Mefistofeles* e n'ella tivemos dois debutantes, a sr.<sup>a</sup> Thevenet, artista franceza, e o tenor Famados.

E' a *Carmen* uma opera bastante difficil para as duas personagens principaes (*Carmen* e *D. José*) e mesmo o pequeno papel de *Escamillo* tem para o barytono escabrosidades que os artistas em geral não conseguem vencer.

A sr.<sup>a</sup> Thevenet veiu precedida de bastante fama, tendo os jornaes diarios feito um atuado réclame em volta do seu nome.

Foi talvez este o motivo que levou o publico a receber a artista com mais frieza do que ella evidentemente merecia.

Não ha duvida, que, se a sr.<sup>a</sup> Thevenet apresenta uma voz pastosa e de bom timbre no registo grave, o registo agudo ressentese de pouco brilho.

Em compensação diz muito bem e possui todas as qualidades que a escola franceza transmite aos seus discipulos.

A sua bella plastica presta-se á elegancia da figura da protagonista da opera de Bizet e sem uns certos exageros, a parte dramatica seria perfeita.

O sr. Famados, a quem já conheciamos do Colyseu, possui uma voz forte mas de timbre muito abarytonado e com difficuldade de subir.

Este artista, ao defrontar-se agora com um publico mais exigente, mostrou-se bastante receioso durante toda a opera, o que lhe prejudicou em parte o seu trabalho, que será de cer-

to melhorado logo que o artista se encontre mais á vontade.

Da parte de *Micaela* encarregou-se a sr.<sup>a</sup> Crehuet artista ainda bastante inexperiente, mas como já dissemos, possuidora de uma voz de bom timbre.

Para com esta artista se mostrou o publico bastante prodigo em aplausos, quando é certo que o seu trabalho não merecia mais que uma benevola attitude.

O sr. Hernandez ficou incluído no numero dos artistas que não teem podido vencer as difficuldades que apresenta a parte de *Escamillo*.

Os córos, melhores que nas operas anteriores e a orchestra mais firme sob a direcção do nosso antigo conhecimento, o maestro Urrutia.

A opera está posta em scena com muita propriedade.

D. Luiz da Cunha.



Nos dias 31 de dezembro e 7 do corrente realisaram-se no theatro da Republica em *matinée*, mais dois concertos symphonicos dirigidos pelo maestro Pedro Blanch.

Ao contrario do que tinhamos vaticinado, a sala apresentou no primeiro concerto, uma concorrência mais que regular e no segundo poucos logares se viam vagos.

Parece pois que o nosso publico quer finalmente entrar no bom caminho protegendo o empreendimento.

N'estes dois concertos executaram-se obras de Beethoven, Liszt, Berlioz, Wagner, Saint Saëns, Tschaikowski e Grieg.

Como se vê pelos auctores das obras executadas o promotor d'estas audições foi escrupuloso na escolha das peças que deveriam compôr os seus programmas.

Nos classicos tivemos só Beethoven com a sua abertura *Leonore III*, mas em compensação de Wagner ouvimos, além da *Folha d'Album*, as sublimes paginas de musica: aberturas do *Tannhauser* e *Mestres Cantores* e o preludio e morte do *Tristão e Isolda*.

Não é este o genero de musica com que a orchestra de Pedro Blanch se sente mais á vontade, mas ainda assim todos porfiaram dar a estas obras uma execução cuidada e digna dos maiores elogios.

Foi a *suite* de *Grieg* a obra que mais nos agradou quanto á sua execução, especialmente

os dois ultimos numeros que não se podem tocar melhor.

O maestro Pedro Blanch, a quem se deve em grande parte o resultado d'estes concertos, foi entusiasticamente aplaudido assim como todos os executantes.

L. C.



## PORTUGAL

O eminente professor portuense, Bernardo Moreira de Sá, teve a bella ideia de reunir em volume, sob a epigraphe de *Palestras musicas e pedagogicas*, varios artigos seus publicados na *Arte Musical e Commercio do Porto* sobre assumptos d'arte. São de todo o ponto notaveis os artigos sobre *Vianna da Motta, Victor Hugo e Wagner, Compositores dos Estados Unidos, A musica na educação, A orchestra de Madrid, A moderna technica do piano, Eduardo Grieg, Musicos e compositores russos, O centenario de Liszt, Compositores inglezes*, a alguns dos quaes nos temos já referido com o louvor que merecem.

Muito agradecemos o exemplar enviado.

\*  
\*\*

Realisou-se o enlace matrimonial da distincta professora de piano, sr.<sup>a</sup> D. Eulalia Martins Gonçalves, com o apreciado violoncellista, sr. Silveira Paes.

Cordeaes felicitações.

\*  
\*\*

Foi emocionante a homenagem prestada em 31 de dezembro pela *Associação dos Archeologos Portuguezes* á memoria de Sousa Viterbo, o erudito professor e musicographo que tantas vezes honrou as columnas d'esta revista com os seus preciosos escriptos d'investigação musical.

Assumiui a presidencia da reunião o sr. dr. Manoel d'Arriaga, illustre Presidente da Republica, que após umas eloquentes palavras do sr. Rosendo Carvalheira, presidente da Assembléa Geral da mesma Associação, e depois de haver descerrado o busto do glorioso extinto, conferiu a palavra ao sr. dr. Alfredo da Cunha para a leitura do elogio historico de Sousa Viterbo.

Foi coroada de applausos esta brilhante peça litteraria, em que Alfredo da Cunha, o notavel artista da palavra, que todos conhecemos, descreveu todas as phases da intensa intellectualidade do homenageado e as poderosas faculdades de trabalho que o distinguiam. Fechada a sessão com algumas sentidas palavras do sr. Presidente da Republica, todos os presentes a convite do sr. Carvalheira, se apressaram em subscrever o livro de honra da Associação, firmando assim a sua sincera adhesão a tão merecida homenagem.

O elogio lido pelo sr. dr. Alfredo da Cunha foi ultimamente dado á estampa e muito agradecemos ao illustre homem de letras o captivante envio do exemplar que temos presente.

\*  
\*\*

Por amabilissimo offerecimento da sr.<sup>a</sup> D. Sophia de Sousa Viterbo, filha do notavel escriptor, a que se refere a noticia antecedente, poderemos ainda publicar-lhe, em um dos proximos numeros, um interessante inedito sobre tangedores portuguezes.

\*  
\*\*

Os numeros 59, 124, 135, 204 e 274 da *Arte Musical*, ha muito esgotados, são-nos instantemente pedidos por alguns colleccionadores.

Acceitam-se ofertas n'esta administração, com a indicação do preço por que se cedem todos ou uma parte d'esses numeros.

\*  
\*\*

Agradecemos o envio do 1.<sup>o</sup> numero de um novo collega, *O Fomento*, que se occupa proficientemente de assumptos de trabalho, de capital, de functionalismo, etc.

Desejamos-lhe longa vida.

\*  
\*\*

Annunciou-se brillantissimo o concerto que Vianna da Motta effectuou hontem no theatro da Republica com o concurso da grande orchestra dirigida pelo maestro D. Pedro Blanch.

D'elle nos occuparemos no proximo numero.

\*  
\*\*

O nosso illustre amigo, o sr. Bernardo Moreira de Sá, está associado como gerente á antiga casa Mello Abreu, cujo estabelecimento de pianos gosa no Porto de uma bem justificada fama.

\*  
\*\*

O distincto violinista-compositor, Thomaz de Lima, vae dar no dia 18 uma interessante

*matinée* no salão da *Illustração Portugueza*, contando com o excellente concurso da sr.<sup>a</sup> D. Africa Cabral e dos srs. Aroldo Silva, Manuel Silva e Licinio Costa.

O talentoso promotor do concerto tocará a *Chacone* de Bach, o *Concerto* de Mendelssohn e a *Ballade et Polonaise* de Vieuxtemps.

\*  
\*\*

Devem começar na proxima quarta-feira, 17, os ensaios do Curso de Musica de Conjunto, iniciado entre nós pelo aclamado violinista Francisco Benetó e ao qual deverá concorrer, cono nos consta, um avultado numero de associados. A ideia é effectivamente muito artistica e interessante, e não admira que tivesse movido entusiasmo no nosso pequeno meio musical, onde faltava realmente um centro de reunião para o cultivo da musica de *ensemble* e onde portanto a iniciativa de Francisco Benetó vem preencher uma importante lacuna.

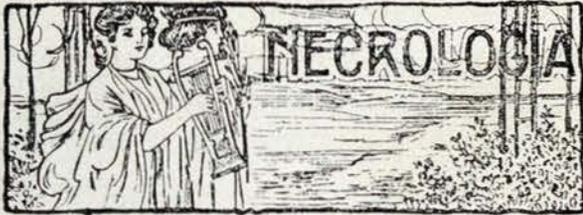
\*  
\*\*

No dia 13 effectuou-se no salão da *Illustração Portugueza*, uma audição dedicada á imprensa periodica, afim de se apreciar um *auto-pianista* «Ideal», de fabrico do sr. Abel Ferreira da Silva, intelligente e arrojado constructor portuense, a quem muito agradecemos o convite que nos foi endereçado para ouvir o seu apparatus.

Na impossibilidade material de ter assistido a essa experiencia publica, reservamo-nos para o examinar no *Salão Mozart*, da rua Ivens, onde estará exposto por alguns dias.

\*  
\*\*

No proximo mez de março, teremos no theatro da Republica uma série de quatro concertos pela magnifica Orchestra Chevillard, de Paris.



O Porto perdeu um dos seus artistas mais queridos, Henrique Carneiro.

Havia sido atacado, ha tempo, de alienação mental e a terrível doença manifestara-se por forma a não permittir a menor esperanza de cura, nem mesmo de allivio; por fim veiu a morte pôr termo a essa desesperada situação.

Eis os dados que, sobre a vida artistica do mallogrado musico, podemos colher do *Pri-*

*meiro de Janeiro*, a quem pedimos vénia para transcrever os seguintes periodos:

«Henrique Carneiro nasceu n'esta cidade a 4 de dezembro de 1874.

«Havendo, desde muito creança, mostrado grande vocação para a musica, seu pai confiou primeiro a sua educação artistica ao sr. Alves, antigo contramestre de caçadores 9 e mais tarde ao illustre professor e nosso estimabilissimo amigo sr. Moreira de Sá, que o apresentou n'um concerto no Atheneu Commercial do Porto, tendo Henrique Carneiro apenas doze annos de idade.

«Desde então, porque fosse progressivamente evidenciando os seus muitos merecimentos, tornou-se uma das figuras mais conhecidas do Porto, sendo rara a festa de *élite* em que não tomasse parte.

«Assim é que, durante alguns annos, foi o concertino do theatro de S. João, bem como regente de alguns concertos effectuados no «Águia d'Ouro» pela Associação de classe musical dos professores d'instrumentos d'arco no Porto. Além d'isso, tomou parte em varios concertos realizados no Orpheon Portuense, Club de Leça, Club da Foz, Assembleia de Espinho, e bem assim em numerosas festas de caridade.

«Em março de 1897 e fevereiro de 1902 acompanhou, como regente, a Estudantina Academica do Porto, a Pontevedra, Vigo e Santiago de Compostella e a 11 de maio de 1908 apresentou, tambem sob a sua regencia, no Atheneu Commercial do Porto, o applaudido sexteto portuense, composto dos professores Carlos Quilez, Benjamim Gouvêa, F. Symaria, Miguel Alves e Xisto Lopes.

«Como compositor, escreveu varias peças sacras, valsas, canções populares e operettas, entre as quaes se destaca «O segredo da Morgada» (poema do dr. Campos Monteiro), representada com geral applauso no theatro «Carlos Alberto».

\*  
\*\*

Tambem falleceram os srs. Joaquim Antonio Martins e o rev.<sup>o</sup> Antonio Pereira Monteiro.

O primeiro, pae do notavel cornetista J. A. Martins Junior, occupou o logar de trompista em varias orquestras e nomeadamente na dos theatros de S. Carlos e S. João, fazendo actualmente parte da orchestra do Avenida. Foi em tempos contramestre da banda de infantaria 5 e mais tarde da extincta banda da Guarda Municipal.

O segundo foi antigo regente do côro da Sé Patriarchal e capellão da igreja dos Martyres; era tambem distincto amator de violoncello.

Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados  
para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

**CARL LASSEN, ASIAHAUS**

HAMBURGO, 8

AGENTES Em : — Anvers—Havre —Paris —Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA



**PEARKS' TEA**

OMELHOR CHÁ PRETO



**THORNE'S WHISKY**

OMELHOR DE TODOS



**CHAMPAGNE BINET**

O PREFERIDO POR TODOS

**BÉNÉDICTINE**



O MELHOR DOS LICORES

Unicos representantes

**Wheelhouse & Mackee**

138, RUA AUGUSTA, 2.º

Telephone n.º 3298.

LISBOA



# GAVEAU Grande Fabrica DE PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie - PARIS

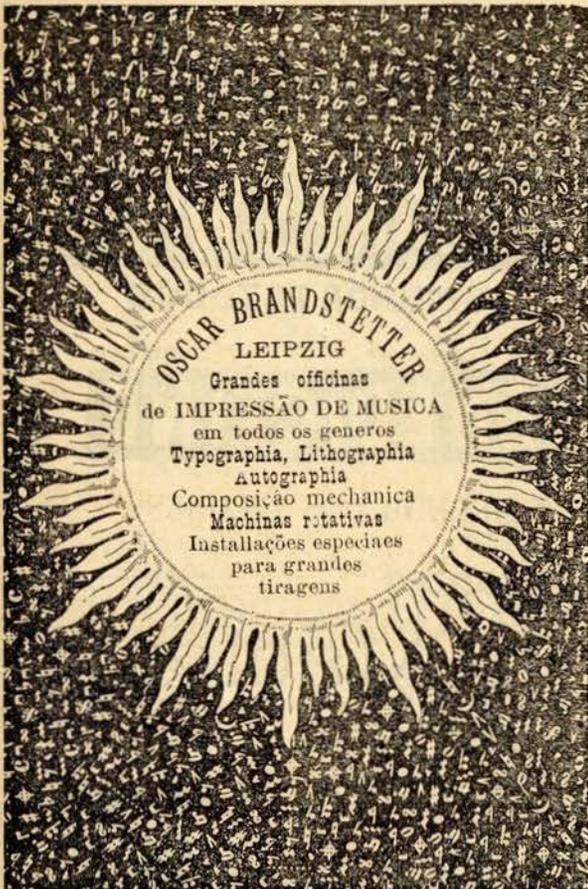
OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

**Hors Concours**: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—  
Amsterdam (1895)—Paris (1900).

**Diplomas d'Honra**: Amsterdam (1883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas  
(1888)

**Grand Prix**: Hanoi (1893)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de  
x x pianos d'esta reputada fabrica x x



## Ernesto Vieira

Diccionario musical, ornado de numerosas gravuras (2.<sup>a</sup> edição) 1.7800 réis.

Diccionario biographico de musicos portuguezes, 2 vol., adornados com 33 retratos, fóra do texto e na sua maior parte absolutamente ineditos, broch. 4.7000 réis.

*Encadernado com capas especiaes* 5.7500 réis.

# La Hacienda



**REVISTA** mensal illustrada sobre agricultura criação de gado e indústrias rurais. Editada em português em Buffalo, N. Y., E. U. A., para o benefício dos Srs. Agricultores, Comerciantes, Banqueiros e outras pessoas amantes do progresso. Assignatura annual 12\$000 moeda brasileira, ou 4\$000 moeda portugueza. Para mais informações dirija-se á

**LA HACIENDA COMPANY**

Dept. N. BUFFALO, N. Y. E. U. A.

## Grande Hotel de Inglaterra

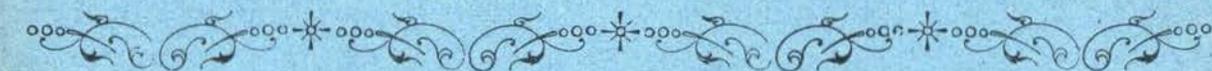
Praça dos Restauradores  
**LISBOA**

Aquecimento pelo vapor  
em todos os aposentos

Jantares-concertos  
todos os dias

**HOSPEDAGEM COM PENSÃO**  
desde 2\$000 réis

Para familias com permanencia  
**Preços especiaes**

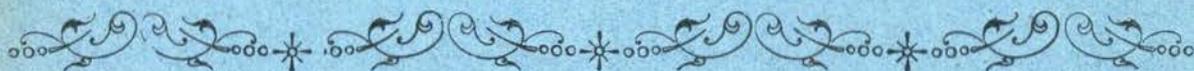


**BERLIM CAROL OTTO BERLIM**

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação de ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

**BERLIM CAROL OTTO BERLIM**



# Professores de musica

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua das Gaiotas, 20 C, 1.º E.*
- Alexandre Rey Colaço**, professor de piano, *Rua N. de S. Francisco de Paula, 48.*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerandes, 32, PORTO.*
- Arthur Trindade**, professor de canto, *Rua Barota Salgueiro, 11, 1.º*
- Carlos A. Tavares d'Andrade**, prof. de piano, *R. Thomaz d'Annuniação, 21, 1.º, D.*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *Rua do Monte Olivele, 12 C, 2.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *Rua de S. Bento, 137, 3.º E.*
- Elisabeth Von Stein**, professora de violoncello, *R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, 232, A.*
- Eugenia Mantelli**, professora de canto e piano, *Rua do Mundo, 84, 2.º*
- Flora J. Nazareth e Silva**, professora de piano, *Rua N. do Loureiro, 12, 1.º D.*
- Francisco Bahia**, professor de piano, *Rua Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Costa do Castello, 46.*
- Gertrudes Maria de Barros**, professora de piano, *Rua Ilha do Pico, 33, r/c.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *Rua Paschoal de Mello, 131, 2.º, D.*
- Joaquim A. Martins Junior**, professor de cornetim, *Rua das Salgadeiras, 48, 2.º*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucila Moreira**, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*
- M.<sup>me</sup> Sanguinetti**, professora de canto, *Rua S. Domingos à Lapa, 82, 2.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atofonas, 31, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *Calçada da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua da Imprensa Nacional, 73, 2.º*
- Rodrigo da Fonseca**, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º E.*

## A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral

Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias .....	1 \$ 200 réis
No Brazil (moeda forte) .....	1 \$ 800 »
Estrangeiro .....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49 — Lisboa